

UM OLHAR CURIOSO A PARTIR DE *London London* OU *AJAX, BRUSH AND RUBRUSH*, DE CAIO FERNANDO ABREU.

Clêuma Santos Alves

cleumasalves@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8726070793520013>

RESUMO: Nas mais distintas épocas, as pessoas construíram e tem construindo saberes a partir da curiosidade que as move. Move a pensar para além do que as imagens, sons, acontecimentos, períodos históricos levam a refletir. A curiosidade é uma inquietação, através dela as pessoas saem do seu estado de inércia, sendo provocadas a ir em busca de um incessante conhecimento. É essa curiosidade que possibilitou refletir, questionar e pesquisar o conto *London London* ou *AJAX, brush and rubrush*, de caio Fernando Abreu. É possível ter várias visões sobre a curiosidade, a curiosidade de dialogar de um modo teórico emotivo diante da arte, da música, da literatura e de tantos campos que se movimentam nesse tempo que é nosso.

Palavras-chave: Curiosidade; conto *London London*

AFINAL O QUE É SER CURIOSO?

As pessoas são constantes curiosas, os grandes escritores como Guilles Deleuze, Espinoza, Friedrich Nietzsche e tantos outros foram curiosos em suas buscas para transformar sua escrita não apenas em um registro, mas um documento que sociedades futuras pudessem questionar e fazer suas inferências, ao apropriar-se de uma escrita atemporal que inquieta o leitor.

Uma questão importante no ser curioso, é que este através da pesquisa trilha novos caminhos. A pesquisa em “si” é um campo vasto que requer cuidados e aplicabilidades com total segurança. Nas ciências sociais o pesquisador está preocupado não com estruturas, mas com o processo social, e seu foco é exatamente perceber na sua totalidade o contexto em que o objeto de estudo está inserido, buscando compreender os fenômenos envolvidos no mesmo.

No fundo havia na escrita dois tempos. Um primeiro tempo da balada, o tempo baladeiro, paquerador quase, durante o qual se paqueram lembranças, as sensações, os incidentes deixa-se que eles desabrochem. Depois, havia um segundo tempo, o da mesa em que se escreve [...] (BARTHE S, O grão da Voz. p. 480-481).

A medida em que há contato entre pesquisador e objeto de pesquisa- observa, coleta/registra informações, questiona e analisa- seguindo etapas primordiais, para o trabalho com a produção, seja ela um texto imagético ou verbal ,com um único sujeito, ou em um único espaço e na situação que seu foco de pesquisa adequa em um “expressar do mundo social”, isso porque quando existe interação sujeito/objeto deixa de existir “barreiras” entre a teoria e dados, entre pesquisa e objeto pesquisado e por fim, entre contexto e ações.

Quanto a Linguagem, o pesquisador deve entender que esta é expressão de pensamento, com aplicabilidade por meio de códigos e estes devem ser reconhecidos, pois são expressivos, e que a linguagem é sim interação social de compreensão aos mais distintos fenômenos. Portanto, como pesquisador curioso as experiências passam a ter mais clareza, o “olhar” interpretativo, questionador e crítico permitirá por meio do que se observa, mostrar os fatos de forma transparente para público diverso, e que a partir disso esse seja motivo a desenvolver também o espírito da pesquisa. Na nossa sociedade contemporânea é uma urgência sermos ainda mais curiosos e questionadores.

O CONTO: London London

A Ditadura Militar de 1964 foi um período tenso da história do país que chocou pela intensa crueldade contra população cujas marcas são existentes até hoje. Partindo desse aspecto tenho como reflexão o conto *London London*, ou *AJAX, BRUSH AND RUBBISH*, do escritor gaúcho, Caio Fernando Abreu estabelecendo assim, um diálogo entre “realidade” e ficção, pois mesmo que seus textos faça um mergulho no interior humano, não se desprende desse contexto histórico/social. O próprio título do conto é um sinal de alerta, pois, nos posiciona diante de muitas questões a serem pensadas. Assim, as reflexões se debruçam sobre a Literatura, história, cultura, sociedade e a busca pela identidade fortemente marcada na narrativa. Dando ênfase ao referido autor pela responsabilidade de crítico social e cultural dentro da sociedade, construindo uma ponte entre as experiências da sua própria vida e “outras vidas”.

A primeira reflexão a ser feita é que, a Literatura é uma fonte inesgotável de saberes, cria horizontes para que se possam entender diferentes contextos sejam estes políticos, econômicos, sociais, étnico, cultural e tantos outros, ao trazer à tona questões que na maioria, das vezes são mantidas à margem

de tudo como se fossem “objetos” e, portanto, desnecessários ao desenvolvimento de uma época, de determinados espaços e dos indivíduos que compõem esses espaços sociais.

A preocupação da história tradicional é descrever os acontecimentos apresentando os fatos oficialmente como aconteceram, tendo um caráter documental e objetivo. Segundo as exigências dos governantes, que impõem suas normas a serem seguidas, passando a estabelecer comando sobre os corpos objetivados, esses que constantemente estão sobre tais ordens. No texto *Como se escreve a História*, de Paul Veyne, alerta Foucault (1970 p.160): “Vocês podem continuar a explicar a história como sempre fizeram: somente atenção: se observarem com exatidão, despojando os esboços, verificará que existem mais coisas que devem ser explicadas do que vocês pensavam; existem contornos bizarros que não eram percebidos.”

Exatamente nesses “contornos bizarros” que existe muito a ser discutido, pois são elementos que enriquecem ainda mais as percepções diante da construção de “histórias”, como fonte não apenas documental, mas uma espécie de fotografia, cuja imagem jamais poderá ser uma (re) apresentação fiel de pessoas, espaços, pois as cores, a posição, os pequenos detalhes do cenário, tudo isso nos convida a refletir diante de certos discursos, promovendo assim novas visões. Sobre essas questões se debruça a nova história, ela não exclui os conceitos e posturas dos tradicionalistas, mas passa a “inventar” uma maneira nova para se construir uma história diferente, diferente no quesito abordagem, nos fazendo observar que a história de uma sociedade não é estática, mas “sujeita a transformações”, são olhares, ideias, posturas diferentes que se apropriam de elementos diversos permitindo o movimento que faz toda diferença.

O passado não se perde no meio do caminho, o interesse se constitui em fazer juntamente construções escritas novas para que o leitor pense nessas relações estabelecidas, pensando vida, cenário e acontecimentos Histórico, cultural e social ao trazer temática como loucura, morte, figuras comuns, cenas “insignificantes”, ruas, rotina e tantos outros vistos como banais, mas que são essenciais no crescimento e enriquecimento de uma história que é trilhada a partir das considerações de suas subjetividades, de suas crises, de suas falhas, de seus deslizes. Em um cultivar percepções cuja significação está em (re) pensar posturas, levantar inquietações ao trazer a cultura como essencial, pois, ela é uma ponte que estabelece relações entre “artificial e natural”, o (des) cumprimento de regras, não segue uma direção apenas, é por meio dela que assumimos

“autovisões” daquilo que almejamos ser. Somos, portanto, donos de nossas escolhas, ou responsáveis por nossas falhas, o nosso corpo assume, uma espécie de postura “dualista” nos autoavaliando, refletindo, e mesmo aperfeiçoando atitudes nessa infinidade de “eus” fragmentados existentes em nós.

Todos esses recursos são expressões da subjetividade do autor, pois não se ausenta de sua escrita, autor e conto se interligam pela intimidade que existe. A busca pela identidade que é o ápice dessa história, não lhe é indiferente, mas reflexo existencial intimamente seu, o que desencadeia um envolvimento envolto em plena consciência social aos acontecimentos individuais e mesmo coletivo. A identidade é fruto de trajetórias e esta sujeita, sobretudo, à incorporação de novos elementos no seu contínuo processo de resignificação. Forma-se a partir da convivência do indivíduo com seu espaço, e das relações estabelecidas entre os mesmos. Estando intrinsecamente atrelada às questões referentes a um legado histórico, que toma corpo ao lado dos anos, para Hall (2011), é formado através de processos inconscientes, não é da condição inata do indivíduo, mas forma-se ao se confrontar e relacionar-se com as diversas culturas e identidades.

Em *London London* o autor “ousa” indo além dos relatos de acontecimentos de um período, sua linguagem expressa sentimentos que em alguns momentos se unem e se divergem, mas movimentam o texto promovendo ao leitor a sensação de concordância, discordância, posturas que tornam a leitura mais instigante e reflexiva. A narrativa mostra uma personagem que viveu desafios tensos por estar em um país diferente do seu, que tem de se adaptar, ou melhor, buscar refúgio para enfrentar essa situação.

O conto expressa uma escrita com traços autobiográficos, por relatar as vivências do próprio autor, Caio Fernando Abreu que viveu com intensidade, não hesitou diante dos desafios e problemáticas que o cercava, foi ao encontro desses se debruçando para todo esse cenário com olhar social. Assumiu seu poder de voz, sua escrita marca as experiências de um tempo cheio de opressões políticas e sociais, tempo onde expor ideias era motivo de repressão, sendo tirados de cena por representar um perigo à sociedade e seus governantes.

É importante ler a narrativa de Abreu por ter sido contemporâneo de um período conflituoso da sociedade brasileira, por trazer na própria pele marcas desse momento, o regime militar tirava de cena os perigosos para sociedade. Perigosos por quê? Por assumir seu poder e ter um olhar crítico a

esse cenário temeroso do país, exilado e distante de suas origens não deixou de pensar socialmente tantas questões, de maneira tão forte, e podemos dizer transparente. O regime Militar agrediu não apenas fisicamente os indivíduos, mas causaram feridas “na alma” e estas ainda sangram, porque são memórias que jamais serão esquecidas, foram fortes e cruéis demais.

Sendo homossexual, dentro dessa sociedade preconceituosa e repleta de padrões de certo e errado, Abreu enfrentou esse desafio que não foi capaz de lhe deixar à mercê de suas ideias, mesmo que suas produções estejam dentro de um contexto cronológico que foi a Ditadura Militar, o autor brilhantemente não se prende apenas à essas questões, ele apresenta os sentimentos, sensações, desilusões, que são elementos do interior humano, desse interior subjetivo dos jovens que sofreram as consequências do poder repressivo e ditador:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente sendo deslocadas [...] (HALL, 2006, p.13).

O início de *London London* apresenta muito bem esses sentimentos “Meu coração está perdido, mas tenho um mapa de Babylon City”. As buscas envoltas nessas “identidades contraditórias”, que o personagem do conto reflete. Ao longo dessa narrativa o medo de estar em um lugar diferente de suas raízes, preso a solidão a crise de identidade é uma marca forte, diante do viver algo tão estranho, como se estivesse à procura de si próprio em meio a um painel social conflituoso. O sexo, as drogas são refúgios a essa situação, muitos podem analisar esses dois elementos como a destruição de uma vida- não deixa de ser também, só não podemos generalizar-, mas foi a “solução” um rebelar-se contra o sistema opressor para aquele instante vivido. Houve muitas perguntas, apego a lembranças, artistas e momentos para que a sua história de vida não se apagasse totalmente.

Eu não quero dizer nada, em língua nenhuma eu não quero dizer absolutamente nada. Eu só... Ela canta ainda. Eu aproximo o pulso das narinas e aspiro, até o ônibus chegar, eu aspiro. Sândalo, Oriente. (ABREU, 1988, p. 83).

A procura por referências o entregar-se ao sexo as drogas, revela um jogo entre palavras, trocadilhos, ideias, as personagens sem nomes não é por acaso, são estratégias que o autor inventa para movimentar ainda mais a narrativa. Dentro desse conto, a personagem trabalha como faxineiro e em meio a esse universo busca resgatar sua identidade perdida em Londres, o vazio repleto de

angustia diante de uma língua estranha, de pessoas desconhecidas serve de crítica aos abusos cometidos contra indivíduos que apenas desejavam ter seus direitos respeitados, exatamente por isso à personagem se caracteriza por esse olhar interior ao voltar-se de “si” para “si” se autoanalisando, autoquestionando e tentando se reencontrar com sua identidade. Tais estratégias estabelecidas pelo autor são fenômenos essenciais para que o “quebra-cabeça” seja montado nesse resgatar-se a si mesmo, pois, não se convive com fatos aleatoriamente, tudo que acontece será utilizado para o reencontro com sua “identidade perdida” devido aos infortúnios da vida:

[...] Olho o chão. Afasto as pernas das pessoas, as latas de lixo, levanto jornais, empurro bancos. Tenho duas opções: sentar na escada suja e chorar ou sair correndo e jogar-me no Tâmis. Prefiro tomar o próximo trem para a próxima casa, navegar nas waves de meu próprio assobio [...] (ABREU, 2006.p 85).

No conto a perda de identidade se evidencia exatamente por a personagem está em um país que não é o seu, vivendo uma vida diferente, estranha, conflituosa interiormente, a cada momento que a personagem hesita, ou busca nos pequenos vestígios os registros de sua vida. Nesse sentido, os borrões, os esquecimentos, o silenciar, o conflito interno, o presenciar momentos históricos tensos como foi à ditadura militar, e todo esse sentir-se diante dessa situação é importante para se analisar, refletir e questionar uma sociedade, a cultura de um povo e esses indivíduos também, pois sem eles não teríamos história, não se faria história, tampouco poderíamos questionar a história.

Abreu soube se movimentar dentro de sua produção literária, inventou o seu modo de ser, viver e refugiar-se de toda essa situação, não se manteve imóvel. Todas essas possibilidades, o exílio, o ser isolado, o refugiar-se nas drogas, o ser homossexual, o depara-se com a busca pela identidade, o ser posto à margem são do interesse de autores da Crítica contemporânea, como Sousa (2011, p.47): “O procedimento criativo se sustenta por meio do ritmo ambivalente produzido pela proximidade, pela distância em relação ao fato.” A crítica se apropria dessa escrita que ora se aproxima, ora se distancia, que em outros momentos silencia, rabisca, coloca à margem, pois em meio a esses elementos existem tantos outros discursos de marcas que chegam ao público pelo uso da linguagem, repleta de jogos e expressividade promovendo ao texto ser repensando histórico, social e culturalmente.

Assim, a literatura tem sido uma forma inesgotável de se capturar acontecimentos “expondo as avessas”, não como representação da realidade, mas como um inventar realidades. Em *London London*, o relato da personagem, os diálogos expõem ao leitor vidas cujos traumas se circulam ao

tempo que nos aproxima dos fatos. O autor que traz suas memórias utilizando-as em prol de sua fundamentação de vida, de seus erros, e falhas, dentro de certos espaços, não sendo apenas figurante que ao se deparar com a folha de papel em braço e caneta tem a obrigação de escrever algo para preencher linhas, mas consciente criticamente de seu papel.

Cabe, portanto, ao leitor recepcionar informações investigando-as a partir de sua consciência crítica através de seu olhar curioso. Metaforicamente deixando sempre reticências, como meio de continuidade e novas descobertas, e que cada um tenha sempre como ponto de partida os seus próprios questionamentos. Por isso, deixo apenas a seguinte pergunta: “Afinal, como fazer história a partir da curiosidade?”

Referências Bibliográficas

ABREU, Caio Fernando: *Melhores contos*: Caio Fernando Abreu / seleção e prefácio Marcelo Secron Bessa. - São Paulo: Global, 2006.

BARTHES, Roland: *Ousemos ser preguiçosos*. In: O grão da voz; LARANJEIRA, Mário (trad.); FERREIRA, Ligia Fonseca (revi. Trad).- São Paulo. Martins Fontes, 2004.

CERTEAU, Michael: *As artes de fazer- Invenção do Cotidiano*. Trad: Alves, Ephraim Ferreira. 3º Ed. Petrópolis. Editora Vozes. 1998.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. P.129-160.

HALL, Stuart: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomas da Silva, Guaracira Lopes Louro.- 11ed., 1 reimp.- Rio de Janeiro: DS&A, 2006.

SANTIAGO, Silviano: *Literatura e Cultura de Massa*. In: Cosmopolitismo do pobre: Crítica literária e crítica cultural. - Belo Horizonte. UFMG, 2004.

SOUSA, Eneida Maria de. *Janelas Indiscretas*. Belo Horizonte: Editora; UFMG, 2011.

VEYNE, Paul: *Como se escreve a História*. Tradu. Baltrar, Alda; Kneipp, Maria Auxiliadora. 3º Ed. Editora UnB. 1970.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Graduanda do curso de Letras Vernáculas e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia- Uneb- Campus IV- Jacobina Bahia. Bolsista/Id Pibid. Com publicação em Antologia Poética CNP-Concursos Novos Poetas 2014. Participou do Evento desleitura em Série no referido Campus, com trabalho *Entre Rabiscos e Palavras: Os Desafios da Docência*.